

Revista Portuguesa
de História

Flechas com «erva» na guerra» entre Portugal e Castela no fim do século xiv

As flechas com veneno, usadas, segundo se julga, já nos tempos pré-históricos, ainda no século xvi se empregavam na Europa (*).

Sabemos, por três passos de Fernão Lopes, que na guerra do final do século xiv entre Portugal e Castela foram usadas sêtas com peçonha.

1) Nos últimos meses de 1385, pouco depois da batalha de Valverde, Antão Vasques invadiu Castela pela fronteira do Chança. Quando já no regresso se encontrava na margem direita dêsse curso, o inimigo, vindo-lhe no encalço, tomou posição de combate. Os portugueses andando a ver «que gentes erom e como estauom corregidos, começaram os Castellaos de lhe tirar aos virotoens, dos quaes deu hum com erua na testa do cauallo daquelle escudeiro que andara antrelles [*João Esteres Correio*] e elle tirouho apresa, e dise Antam Vasquez:

— E vos outros que fazees ? Vedes quamtos besteiros alli sam, todos tirom com tal como esta peçonha, que aguardais mais o dia ? Que se aqui mor espaço estamos todos nos am de ferir com esta mortal erua; pois vamos a elles ou vede o que querees fazer».

Apesar de ainda não ser dia claro, os portugueses avançaram, fizeram 260 mortos e 140 prisioneiros — e apenas tiveram, além de três feridos, um morto, não se sabe se em conseqüência da peçonha se por outro motivo (2).

2) Em 1387, poucos dias antes de 15 de Maio, o exército anglo-português chegava a Villalpando, cerca de 45 qm. a nordeste de Zamora. Indo nesse dia «Ruy Mendez de Vasconçellos com

(t) O uso de béstas foi proibid-o pelo segundo concílio de Latrão (1139), mas voltou no tempo de Ricardo 1 de Inglaterra e de Filipe Augusto de França, Porque feriam a distância, eram consideradas armas pouco nobres. Os alemães no século xi envenenavam as flechas (cf. Louis Cibrario, *Economie politique du Moyen Age*, trad. francesa, t. 1, p. 194, nota 2, e p. (95—Paris, 1859; e Herculano, *Hist de Port.*, t. vm, p. 87, nota — 8.^a ed.).

(2) *Crónica de D. João I*, P. 11, c. lx. Utilizamo-nos da ed. de 1644, cotejando, porém, o seu texto com o do Ms. 468-bis da Biblioteca da Universidade de Coimbra. O mesmo fazemos nas seguintes transcrições da crónica.

outros correr a Castro Verde, e andando escaramuçando, deromlhe com hũ virotom hua pequena ferida per cima do mangote, acerca do ombro, e emtrou por tam pouco que andaua o virotom pendurado, nom curamdo nenhũa cousa delle ; e como veyo à temda e foy desarmado dise a aqueles que erom presentes:

— Por certo eu sam ferido de erua.

E os outros dizendo que nom e elle perfiamdo que si, foramdo dizer a elRei, ao qual pezou muito desto, e veio logo alli por lhe tirar tal imaginaçom, esforçando o que nom era nada. Respondeo elle e dise:

— Senhor, eu ouui sempre dizer que aquelles que ferem com erua que lhe formeguejam os beiços ⁽³⁾ e a rny parece que quantas formigas no mundo haa que todas tenho em elles.

— Pois assi hee, dise elRei, bebey logo da ourina, que he muy proueitosa para esto.

Elle dise que nom beberia por cousa que fose e elRei afincandoo todauia e elle dizemdo que nom, como amauioso senhor, com desejo de sua saude, por lhe mostrar que nom ouuese nojo, gostou a ourina, e dise comtra elle :

— E como nom beberees vos do que eu bebo ?

E elle numqua ho quis fazer por quanto lhe dizer poderom.

ElRei vinha o ver cada dia duas e tres vezes e ao terceiro dia, estando com elle fallamdo, dízemdolhe muitas rezoens de esforço, elle dise comtra elRei:

— Senhor, eu vos tenho em grão merçe vosas pallauras e visitaçãõ, mas emtendo que em mÿ nom haa senom morte, porque hu eu deuia de folgar com vosa falla e bom esforço eu nom me anojou menos ca se vos fossees hum horneé a que eu bem nom quisesse.

ElRei, como ouuio esto, voltou as costas e sahiose da temda com os olhos nadamdo em lagrimas, dizemdo aos outros como tinha a mao sinal sua vida, por aquello que lhe disera; e logo esse dia fez seu acabamento, de cuja morte elRei e o Duque e todolos

(3) No citado manuscrito da Biblioteca da Universidade de Coimbra em vez de «beiços» lê-se «braços». Não hesitamos, porém, em adoptar a leitura de edição de 1644; e Por dois motivos principais: porque anatomicamente nos parece incompreensível a existência de um veneno que, inoculado em qualquer ponto do organismo, dê sempre, como primeiro sinal alarmante, formigueiro nos braços; e porque a leitura «beiços» aparece também e pelo menos no Ms. cm/i-io da Biblioteca Pública de Évora.

do arraiall tomarom gram nojo e tristeza por ser tam bom caualeiro, em força e ardimento, e morrer assi de ligeira cousa, por tam desuairado cajom. [...]. E troueromno a Portugal, e ahi foi soterrado» (4).

3) Em 1398, pouco depois de 4 de Maio, D. João I cercou Tui.

«O logar estaua porem bem percebido de gentes darmas, peões e besteiros e de bõs fidalgos, [...].

Elrei pos seus engenhos a redor delia, que tirauam de cada parte, e por o muito dano que faziam *íoy* preitejado desta guisa: que os engenhos nom tirassem de noite nem os de dentro nom lançassem nenhuma seta com erua. Elrei consentio em ello, porque lhe nom prazia per nenhum modo que huma *Sé* honrada e antiga que haa na cidade, hu he fama que jaz o corpo de Frei Pero Gonçalves, recebese nenhum dano de sua parte ; deshi os de dentro sahiam amiúde a escaramuçar e, com boa e forte bestaria que tinham, magoavam mui mal os da hoste, nom lhe prestando armas, por boas que fossem, que nom ferissem muitos, e delles morriam, em tanto que os receavam ja muito. Também os engenhos fazião gram dano na cidade e matauão algüas pessoas» (5). (*)

(*) *Crónica de Æ. João I*, P. 11, c. cx. Não nos parece possível saber ao certo se o ferimento de Rui Mendes ocorreu quando o exército se deslocava de Villalobos para Villalpando (apenas duas léguas a sueste) ou quando já estava acampado em frente da última povoação. A. Botelho da Gosta Veiga afirma, no entanto, que foi na altura da marcha (*Fernão Lopes — Alguns elementos para o estudo dos processos de investigação histórica*, p. 33 — Lisboa, 1940). O certo é que ao regressar Rui Mendes à hoste, esta estava acampada em frente de Villalpando.

Conjugando dados colhidos na *Chancelaria de D. João I*, na crónica de Fernão Lopes e nos mapas, o referido autor apresenta como mais provável a seguinte cronologia:

«10 e ii de Maio — Estacionamento em Villalobos.

12 a 14 de Maio — Estacionamento em frente de Villalpando.

i5 e 16 de Maio — Marcha de Villalpando ao Douro» (*id.*, p. 35).

(5) *Crónica de D. João I*, P. 11, c. CLXX. Acerca de Frei Pero Gonçalves (Teimo), «Corpo Santo» dos marinheiros atormentados, o «lume vivo» de Camões (*Os Lusíadas*, v, 18), ver artigos de Augusta Faria Gersão Ventura e de Salvador Dias Arnaut, intitulados *Gil Vicente e o mar*, respectivamente na «Gazeta de Coimbra» de 9 de Dezembro de 1941 (com correcções no número do dia ii seguinte), e no mesmo jornal de i3 de Janeiro de 1942,

Será interessante transcrever aqui um passo que não vem mencionado nos referidos artigos. É de *El Victorial — Crónica de Don Pero Niño*,

Claramente se vê por este passo quanto era temeroso o emprego de flechas envenenadas.

E lícito supor que noutras ocasiões da guerra, além das três de que nos dá conta Fernão Lopes, entrassem em acção as flechas ervadas, não merecendo o facto, por habitual, ser referido pelos cronistas. Bastantes vítimas certamente causou tal uso, que, a concluir dos citados trechos de Lopes, dir-se-ia apenas espalhado entre os castelhanos.

Qual a peçonha empregada nas três ocasiões ?

Tratava-se em qualquer delas de um veneno de origem vegetal — a menos que o termo «erua» usado pelo cronista tivesse mais lato sentido que o etimológico — o que, digamos, nada nos autoriza a supor. E era, além disso, um veneno muitíssimo temível.

Tais os caracteres comuns ao tóxico nas três conjunturas. Não bastam para afirmar que se trata de um único veneno. Mas a frase de Rui Mendes : «eu ouui sempre dizer que aquelles que ferem com erua que lhe formeguejam os beiços», leva a crer, pela constância desse sintoma, no emprêgo corrente de um mesmo veneno vegetal.

Qual seria êle ?

Vejamos o que se passou com Rui Mendes de Vasconcelos.

Rui Mendes entra numa escaramuça não longe de Villalpando (Castro Verde, em cujas imediações ela terá ocorrido, fica, com efeito, a uns 10 qm. dêsse lugar). E atingido por um virotão próximo de um dos ombros: «per cima do mangote, acerca do ombro» (no braço, talvez na região deltoideia). Pequeno ferimento, a que não liga importância, andando com a flecha durante algum tempo pendurada. Mas quando chega ao acampamento e é desarmado, diz: «Por certo eu sam ferido de erua».

conde de Buelna, obra escrita no século xv, antes de 1449 (segundo Mata Carriazo), por Gutierre Diez de Games. Ao referir que certas galés estiveram debaixo de temporal por altura do cabo de S. Mateus, diz Games: «allí fazian los honbres, con el miedo de la muerte, botos e prometimientos, vnos a Santa María de Guadalupe, otros a Santiago de Galizia, otros a Santa Maria de Finisterra, otros a Fray Pero González de Tui, e otros a San Biçente del Cavo» (c. lxxxix — Madrid, 1940: edição e estudo por Juan de Mata Carriazo).

Podemos pensar que entre a altura em que foi frechado e o aparecimento dos aludidos sinais, mesmo que êles só tenham surgido quando chegou à tenda, decorreu um tempo que não se contaria talvez por horas.

O rei quiere tirar-lhe tal ideia. Mas êle teima. Sempre ouvira dizer que os feridos com «erva» sentiam formigueiro nos lábios e a êle parece-lhe que tem nêles quantas formigas há no mundo.

D. João i convence-se de que realmente o grande cavaleiro está empeçonhado. Quere, aflito, que êle beba urina —que é «muy proueitosa» para isso. Rui Mendes, já então decerto deitado, resiste, não a bebe. No leito se conserva e aí, ao que parece em perfeita lucidez, se fina «ao terceiro dia» (6).

Como é evidente, o sofrimento durou mais de 24 horas e menos de 72. Umas 45, por exemplo, é tempo perfeitamente admissível.

A luz destes elementos, muito em especial do precoce formigueiro dos beiços, que no próprio saber da época era patognómico do envenenamento por «erva» — devemos concluir que essa erva era o acónito, ainda actualmente usado como veneno de flecha por alguns povos atrasados.

Há várias espécies de acónito. As propriedades nocivas são sobretudo devidas a um dos seus alcaloides, a aconitina. A Química conseguiu isolá-lo, e é possível, assim, fazer experiências fisiológicas com elevado grau de precisão (7).

Está provado que, um quarto de hora, meia hora ou, o máximo, três quartos de hora após uma injeção de aconitina se tem à superfície da língua uma sensação de calor semelhante à produzida pela pimenta. Sensivelmente na mesma ocasião sente-se um formigueiro nos lábios, que se generaliza ao pescoço, membros superiores e, nos indivíduos de grande irritabilidade nervosa, aos inferiores, e por vezes a toda a superfície do corpo.

(6) É provável que tivesse morrido em 14 de Maio (vid. nota 4).

(7) Veja-se: Laborde et Duquesnel, *Des Aconits et de YAconitine*. Consultámos a exposição que das' experiências desses autores no homem faz A. S. Guimarães Junior em *A aconitina e as preparações officinaes d'aconito*, p. 55-57 — Porto, 1913.

Envenenamentos pelo acónito têm permitido verificar que a dose mortal é muito variável de indivíduo para indivíduo (a morte tem-se podido produzir com i miligrama de aconitina). Precedido de sinais locais e gerais (sendo estes: sensitivos, motores, circulatórios, pulmonares, digestivos) a morte surge em regra nas primeiras cinco horas, havendo muitas probabilidades de se salvar o envenenado que resistir aquele espaço de tempo; se bem que, acentua Thoinot (8), às vezes sejam precisas vinte e mais horas para que desapareçam os sintomas alarmantes.

O intoxicado não perde a lucidez, sendo nesse estado que a morte o vem encontrar.

Sabemos ainda que o precoce formigueiro nos lábios, que depois se vai generalizando, só aparece no envenenamento pelo acónito. Assim, podemos sem receio afirmar que foi essa erva que vitimou Rui Mendes de Vasconcelos. O facto de a morte ter aparecido tão tarde não nos deve admirar, dado que o tratamento do intoxicado devia ter sido nenhum. Não bebeu urina, mas, tivesse-a ele bebido que decerto não colheria grandes resultados. A eficácia problemática de tal terapêutica pode talvez, de resto, concluir-se da recusa em a adoptar.

Rui Mendes faleceu à míngua de tratamentos ; o seu organismo muito resistiu e certamente não sucumbiria se tivesse a ajuda dos meios de que hoje dispõe a Medicina.

Os muçulmanos da Península usaram flechas envenenadas com acónito (9). É natural que tal prática se generalizasse aos outros povos peninsulares e, assim, aparecesse na guerra entre portugueses e castelhanos do final do século xiv.

Já vimos que de Fernão Lopes se colhe a impressão de que eram apenas os castelhanos que empregavam setas ervadas. Friesemos a circumstancia de o acónito ser muito freqüente em Espanha,

(8) Citado na parte *Intoxications* da *Encyclopédie Médico-Chirurgicale*. Aí se pode encontrar um magistral resumo da sintomatologia causada pelos venenos da flecha, e o respectivo diagnóstico diferencial.

(9) Vejam-se sobre a extensão dos venenos de flecha os esboços do Dr. Gustavo Schaefer, de Basileia, feitos segundo as obras de L. Lewin : *Os venenos na história do mundo* (Berlim, 1920), e *Os venenos de flechas* (Leipzig, 1923), em *Actas Ciba*, ano vin, n.º 4—Abril de 1941 — Rio de Janeiro, I! um número consagrado a *Venenos de flechas*.

onde cresce espontâneamente em várias regiões. Em Portugal, pelo contrário, apenas existe espontâneo numa pequena área do alto Trás-os-Montes ⁽¹⁰⁾ — facto que talvez fosse desconhecido dos guerreiros portugueses do final do se'culo xiv.

SALVADOR DIAS ARNAUT

Notas sobre el obispo Proarengo

Uno de los problemas de más difícil esclarecimiento que nos presenta la historia eclesiástica de fines del signo ix y principios del x, entre la maraña de diplomas falsos y rechechos, es el relativo a la sede de este obispo y a la duración de su prelación, problemas que intentaremos resolver, en lo posible (*).

Las noticias que han llegado hasta nosotros de Froarengo son las siguientes:

1. *ii de marzo de 830*. Donación de Alfonso n a la Iglesia de Lugo a la que entrega las vilas de Braga y Orense ⁽²⁾. Con-

⁽¹⁰⁾ Trata-se do *Aconitum Napellus* sub-esp. *lusitanicum* Rouy. Cresce nas margens da ribeira de Angueira, próximo de S. Martinho de Angueira (povoação do concelho de Miranda-do-Douro). Vid. o estudo de Aloisio José de Carvalho Fernandes Costa e José Baeta Cardoso do Vale: *Contribuição para o estudo do Aconitum Napellus* sub-esp. *lusitanicum* Rouy (*Estudo químico e farmacológico*) — Coimbra, 1940.

O *Aconitum Napellus* Linn., é abundante em Espanha, França, etc. Por lapso diz-se na *Farmacopeia Portuguesa*, edição oficial de 1946, que ele é da Europa setentrional.

⁽⁴⁾ Más adelante nos ocuparemos de los restantes obispos de las distintas diócesis, en tiempos de Alfonso ni y Ordoño II.

⁽²⁾ Se conserva en el *Liber Fidei*, fols. 47 v.º-48 v.º, del Archivo Distrital de Braga. Ha sido publicado por: CONTADOR DE ARCÓTE: *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*, II, Lisboa, 1734, págs. 838-843,* y SANDOVAL: *Cinco Obispos*, Pamplona, 1615, págs. 171-174.

De este mismo diploma hay un pseudo-original y varias copias con variantes de redacción, fechados en 27 de marzo de 832 [cf. BARRAU-DIHIGO: *Etudes*